

PUPPO, Benedito Barbosa. Impressões de um concerto. Correio Popular, Campinas, 14 nov. 1975.

## Impressões de um concerto

Enquanto pela nave da Catedral de Franca, Schubert, Mendelssohn, Bartholdy, Rossini e Wagner empolgavam um público fascinado, que extasiado ouvia as orquestras campineiras, meu cérebro se povoava de pensamentos, sugeridos pela música desses maravilhosos arquitetos do som. Dentro em mim não era só o apreciador da Música, que vibrava. Submerso naqueles monumentos sonoros, que a nossa Orquestra de Câmara e a nossa Sinfônica construíam de acordo com a receita dos seus idealizadores, meu espírito voava pela amplidão, só retornando a este mundo, quando estrugiam os aplausos da assistência, que enchia o templo francano.

Outros estavam, creio, no mesmo estado, empolgados pelas sonoridades dos violoncelos, das violas, dos violinos e dos contrabaixos, que, fundindo-se se transformavam num único instrumento — a Orquestra de Câmara de Campinas — em decorrência da perícia, do trabalho consciencioso e da disciplina de nossos músicos, no momento conduzidos pelo maestro Barros Garboggini. Pela imensa nave da Catedral francana, desfilaram então em magnífica versão as obras de Schubert, Mendelssohn e Bartholdy. A unidade conseguida pela Orquestra de Câmara de Campinas, assim como a qualidade do som e a sua potência sonora são admiráveis. Muito nova ainda, pois nasceu este ano, por decisão do Prefeito Lauro Pércles Gonçalves, esse admirável conjunto constituído por integrantes da Sinfônica campineira já conseguiu extraordinário nível de qualidade, que se explica pela direção sábia e segura de Benito Juarez, maestro titular da OSMC, responsável pela estruturação de nossos três conjuntos musicais oficiais: a Sinfônica, a Orquestra de Câmara e o Quinteto de Sopros.

Encerrada a primeira parte, a cargo exclusivamente dos instrumentos de corda, outros instrumentistas — sopros e percussão — tomaram seus lugares para constituição da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, que se encarregaria da segunda parte do programa. Todos os músicos em seus postos e afinados os instrumentos, fez-se absoluto silêncio na Igreja. Surge, então, a figura do maestro. Surge Benito Juarez, que empunha a batuta e ataca a "Cazza Ladra", de Rossini. Um frémito perpassa pela assistência, que aplaude calorosamente, quando soam os últimos acor-

des. Um dobrado, bem brasileiro, lembrando bandas do passado em noites de retreta, faz a assistência vibrar. Segue-se a ele uma toada dolente, que entenece, encerrando-se então a "Suite Brasileira", de Ciro Pereira, com o empolgante "Baião". A assistência vibra. Entusiasmada, aplaude.

Chegara a vez de Wagner. Da abertura da ópera "Rienzi". A imensa Catedral do Nordeste paulista era pequena para conter tanto som. A incomensurável massa sonora (foi exatamente a impressão de massa a que tive) parecia não caber na ampla nave. Era uma avalanche de sons, que vinha daqueles setenta músicos, esfregando os arcos nas cordas de seus instrumentos, soprando seus metais e suas madeiras, enquanto outros percutiam seus tambores e símbalos. Os ouvidos se enchiam do som de 22 violinos, 8 violas, 7 violoncelos e 5 contrabaixos, como se fora um único instrumento potencializado, cobrindo toda a gama de intensidade dos sons, desde os mais graves dos contrabaixos até os mais agudos emitidos pelos violinos, sons que se fundiam com os dos 18 instrumentos de sopros, tudo ainda com a intervenção de percussão na execução das notas postas na pauta musical pelo gênio wagneriano.

Dos pianíssimos, suaves como veludos, aos fortíssimos heroicos, vibrantes, em que toda a orquestra participava, sobressaindo-se os canglores dos metais, a dinâmica orquestral de Benito Juarez se revelava em toda a sua potência. Que bravura! Que força de expressão sonora atingiu a nossa Sinfônica, na passagem do Hino da Batalha! A assistência, em transe, se engolfava naquele turbilhão de sons, que explodiam em caladupas, quando todo o conjunto sinfônico se conduzia num crescendo empolgante. Enquanto isso acontecia, meu espírito evoluía por aquele mundo sonoro, vivendo momentos de estesia. No mesmo momento, talvez sentindo o mesmo que eu sentia, José Luiz Paes Nunes, o musicista, que coordena o "Movimento Mario de Andrade", noutra local da Catedral, ao ouvir a magnífica abertura de Wagner, transformava suas impressões em poema. Tenho em mãos o papel com essa obra do diretor do Departamento de Música, do Instituto de Artes, da UNICAMP, desse poema inspirado em "Rienzi", sob a regência de Benito Juarez, também professor daquele setor da nossa Universidade oficial.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029917

José Luiz deu a essa sua obra o título de "O Som Abissal", colocando no alto da folha de papel isto: "Franca (RIENZI) 8-11-75" Não resisto à tentação de reproduzi-lo para conhecimento dos leitores, embora seu autor tenha oferecido o manuscrito original ao maestro Benito Juarez. Ei-lo:

"Massa sonora,  
espaço litúrgico,  
religioso,  
grandioso!  
Invasão de sonoridades  
em coloridos arrepios  
sensação estética,  
extasiante!  
Cordas ternuramente fortes,  
seguras,  
metais preciosos  
madeiras melódicas  
tudo percussionando,  
impressionando  
um mundo para muitos imaginário!  
Fantasmagórico, talvez,  
neste religioso espaço  
só ouvidas cálidas orações  
sem ovações  
emoções escondidas,  
contraídas.  
Esta música tudo transformou.  
extravasou,  
em elevação à Divindade Suprema,  
de todos os fiéis desconhecida.  
Não seria outra a maior prece.  
Bravo, maestro!"

Ao ler esse poema, senti-me identificado com o poeta que, inspirado pela música de Wagner, extravasou espontaneamente para o pael toda a emoção sentida em momento de êxtase, motivado pela execução de nossos músicos. Não tenho a vela poética de José Luiz. Minha maneira de expressar as minhas impressões e emoções sentidas durante a execução da última peça do programa em Franca, é diferente. Ao voltar para a realidade, depois de viver muitos e agradáveis momentos no mundo da Música o meu raciocínio girou em torno do fato consumado, que é o de Campinas agora contar com uma orquestra padrão, do gabarito da nossa Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, que tanta glória está trazendo para a nossa cidade.